

Veja

23/7/1986

No interior, a força do sindicato

Se a década de 70 marcou o reaparecimento do movimento sindical nas cidades, os confrontos trabalhistas ora em curso mostram que ações igualmente bem organizadas podem se espalhar facilmente pelo meio rural. A greve dos cortadores de cana da região de Leme, em São Paulo, chegou a envolver 15 000 trabalhadores em seu início e ainda afeta parcialmente a produção de sete usinas. À margem dessa inquietação move-se um cauteloso sindicalista de 47 anos que aos domingos, numa paróquia da cidade de Araras, exerce com devoção o ofício de "ministro da eucaristia", dirigindo cursos de batismo e para noivos. Norival Guadaghin está há dezesseis anos na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araras e Região, tem posições moderadas e sempre pautou sua atividade pelo prisma do assistencialismo. Ele é um dos comandantes principais da greve e afirma que seus objetivos são meramente trabalhistas. "Não tenho partido político", diz. Ao contrário do que ocorre nos principais sindicatos operários da cidade, dominados pela rivalidade entre a CUT e a CGT, a situação do campo é bem diferente. Sob o comando de José Francisco da Silva, ali reina a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, a Contag, com mais de 3 000 sindicatos filiados — poderio equivalente à soma das entidades controladas pela CUT e pela CGT. Reunindo desde entidades miseráveis no interior do Pará, onde não há dinheiro sequer para a compra de um telefone, até máquinas poderosas, como o sindicato de Araras, com uma sede de 1 000 metros quadrados, o sindicalismo rural tem 150 entidades em São Paulo, dispõe de um respeitável aparato dedicado ao assistencialismo — mas tem sido capaz de movimentos surpreendentes e vitoriosos. Foi o que ocorreu em Guariba, há dois anos, quando uma rebelião de bóias-frias encerrou-se com um aumento real de 77 % nos salários.

(Páginas 28, 29, 30, 32, 33 e 34)